

Uma cidade com muitas características

Ao atingir a maioridade, Brasília ainda não conseguiu adquirir características próprias, sob o ponto de vista humano. A população, que hoje chega a aproximadamente um milhão e 200 mil habitantes, numa média de crescimento de dez por cento ao ano, é formada por gente de todo o país. Esta é uma das razões da falta de identidade da capital federal o que de certa forma contribui para que ela mantenha o rótulo de «cidade fria, sem calor humano». A organização espacial por setores evidencia, na opinião do estudante carioca Augusto Váli, de 19 anos, um tipo de discriminação que em outras cidades aparece menos: «Um determinado tipo de funcionário público mora em zona diferente da maioria».

A falta de um ponto de encontro como há em outros centros urbanos foi citada também como um motivo da pouca afinidade entre as pessoas e da dificuldade de encontrar amigos, assim como a função administrativa de Brasília, onde muitas pessoas moram provisoriamente e não chegam a se identificar com a cidade. Mas há, contudo, um ponto positivo em que todos concordam: em nenhuma cidade do Brasil as crianças têm tanta liberdade, devido às áreas livres entre os blocos, onde também não há trânsito intenso.

O POVO FALA

«Uma cidade onde cada um cuida de si». E assim que o motorista de táxi Vanderlei Lobo da Rocha, de 33 anos define Brasília. Vindo do Piauí em busca de trabalho, ele vai completar 14 anos na cidade, de onde não pretende sair mais. Rodando o dia inteiro Rocha consegue um salário de cerca de Cr\$ 4 mil e não espera mais nada de Brasília a não ser serviço. O maranhense Manoel Rodrigues, 23 anos, ajudante de pedreiro também não exige mais do que trabalho abundante na construção civil. E casado mas veio sozinho do Maranhão «para ver como é». Se tiver mais sorte do que no comércio, vai trazer a família.

Amizade é coisa difícil de fazer em Brasília, segundo o motorista Manoel Lemos, 40 anos. Desde que chegou do Paraná, há oito anos, constatou que «tem uma mistura de gente e ninguém quer saber da vida do outro. A não ser quando duas pessoas da mesma terra se encontram». Foi assim, aliás, que o cearense Benedito Névis de Aguiar, lavador de carro, 19 anos, conseguiu alguns amigos durante o ano e meio que mora na capital federal. Lemos também não tem intenções de sair de Brasília. Diz ele que o custo de vida é menor do que em São Paulo e sempre há trabalho.

O mais difícil é encontrar o que fazer no fim de semana. Isto quem diz é a estudante Cláudia Silveira, do Paraná, 22 anos. Segundo ela, nos 16 anos que mora em Brasília, as opções de lazer evoluíram pouco. «Eu gostaria de assistir a um bom concerto de vez em quando ou ir à praia, que é uma coisa que não tem aqui. Os teatros também não são bons. É raro passar uma peça que a gente possa assistir. Sobram as exposições de arte, cinema, que tem bastante e a biblioteca, onde eu passo a maior parte do tempo livre».

«GRUPINHOS»

Para quem estuda, o relacionamento se torna mais fácil. É o que afirma o estudante Alberto Antônio Neto, gaúcho, 19 anos. «Aos poucos a gente vai conhecendo gente e tornando amigo mas mesmo assim é



A «enturmação» das crianças é nos próprios blocos de apartamentos

difícil entrar nos grupinhos que há, inclusive, aqui na Universidade». Neto acredita que a indiferença das pessoas seria bem menor se Brasília tivesse pontos de encontros semelhantes aos das outras cidades. «Porto Alegre tem a rua da Praia; São Paulo, a Rua Augusta, e Curitiba tem a Rua 15 de Novembro. Aqui não há nada disso e a cidade também não tem centro».

Brasília é, de fato, «uma cidade estranha», diz o estudante Edelvício Souza Júnior, 20 anos, de Goiás. Nos dois anos que está aqui diz que encontrou amigos os quais, hoje, não sabe onde estão. É isto acontece devido à rotatividade que a cidade com função administrativa patrocina. «É uma cidade em trânsito», como diz Flávia Marcílio, de Fortaleza, funcionária da Câmara dos Deputados. «Mas é exatamente isto que eu gosto. Estou aqui há 11 anos e sempre vejo renovação. É uma cidade agradável para a gente viver o cotidiano. E além disso, aqui não falta nada». A estrutura urbana dividida em setores é a ideal, na opinião de Flávia porque facilita a locomoção das pessoas, que podem se orientar facilmente.

ISOLAMENTO

O estudante gaúcho Cláudio Bicallo, 19 anos, pensa diferente, no entanto. Diz ele que a cidade é artificial e as superquadras facilitam o isolamento. «Ninguém consegue sair da quadra, nem quando vai ao clube. E aí que se formam os grupinhos fechados. O jovem se torna tenso, revoltado e se sente estimulado a praticar qualquer ato para extravasar. A criminalidade aqui é muito grande. Há roubo de carros só por «sacanagem». A juventude se sente marginalizada e procura compensar isto até fumando maconha. E existe outra coisa muito ruim aqui em Brasília: «Tudo que uma pessoa faz a cidade fica sabendo, é como numa vila. Não há respeito pela individualidade».

Penetrar num grupo é como romper uma barreira muito difícil, na opinião da estudante carioca Márcia Cavalcanti, 17 anos. Ela explica que até na Universidade os componentes de um determinado grupo não fazem a mínima questão de conhecer outras pessoas. É preciso forçar e muitas vezes o ingresso só é possível quando há a apresentação do novo componente por uma pessoa já conhecida. Assim é nas quadras, nos clubes e nos bares, segundo ela. E por isto que Ingrid Peredo, boliviana, 19 anos, considera sua rápida adaptação em Brasília como «uma questão de

sorte». «Estou aqui há dois meses, conheço várias cidades e nunca vi outra igual».

INÍCIO

Quem praticamente nasceu em Brasília não a considera uma cidade fria. É o caso do motorista Dionilton Miguel da Fonseca, 22 anos, funcionário público. Ele está aqui há exatamente 18 anos. Reconhece que as opções de lazer são poucas, mas mesmo assim diz que existem muitas coisas para fazer num dia de folga, por exemplo. Maria de Lurdes, 26 anos, funcionária da Câmara, pensa da mesma forma. Ela veio da Paraíba, há 20 anos, para se instalar em Brasília. Viu a cidade nascer e hoje gosta mais da capital federal do que da cidade natal.

Mas para a maioria das pessoas que vêm de outros estados a adaptação em Brasília nos primeiros meses ou anos é muito difícil. Há algumas vantagens, como o clima por exemplo, diz o estudante paulista Rached Ali, 23 anos. Mas em compensação, é «duro» vencer a monotonia que praticamente todos sentem e sair em busca de amigos. Quando algum membro da família, principalmente o pai, é funcionário público e veio transferido, podendo voltar para outra cidade a qualquer momento é pior ainda. Esta é a situação de Márcia Cavalcanti. O pai é funcionário público, veio transferido do Rio e ainda não pensou em se fixar em Brasília. Pretendia ficar dois anos mas já se passaram três. Por isto Márcia decidiu ampliar seu relacionamento em Brasília.

Carlos Alberto, de 19 anos, estava muito acostumado em São Paulo. Há dois anos se mudou para Brasília e diz que no início teve muita dificuldade em encontrar amigos, o que só aconteceu depois de entrar na Universidade. Gosta da estrutura urbana da cidade, mas acha que isto estimula uma frieza que as pessoas têm devido à falta de identidade com a capital federal. «Aqui mesmo na UnB tem gente que só caminha, não se interessa em conversar com ninguém. É uma decorrência da vivência da quadra. Ninguém quer conhecer gente nova. E tudo fica muito complexo, diz uma estudante anônima, do Pará, de 22 anos. Nascida em Belém, chegou aqui há três anos, mas antes morou quatro no Rio. «Em Belém as pessoas são mais cativantes. As coisas só se tornam mais fáceis agora, porque passo a maior parte do tempo da Universidade».

ESPERANÇA

Há quem pense que em Brasília não existe nada a questionar. É a capital federal e basta. Esta, pelo menos, é a opinião do senador alagoano Teotônio Vilela. E como capital «está consolidada», segundo o deputado Vilmar Dallagnol. «É cada vez mais o centro das decisões. O que muita gente classifica como frieza eu penso ser uma característica da cidade. Aqui chega gente de todo o país. E preciso considerar também que é um ponto de passagem de muitas pessoas que vêm cumprir uma missão e depois voltam para o lugar de origem. Então a integração se torna mais difícil principalmente nos primeiros momentos».

Mas existe muita esperança de que um dia Brasília seja uma cidade como as outras, inclusive com uma identidade própria. Aliás, a população de Brasília vive muito de esperanças, segundo o porteiro Oliú Pereira de Araújo, 28 anos. Em 1964 ele chegou da Paraíba e hoje diz que já se acostumou com a cidade. «Aqui a maioria é nortista e todos se entendem bem. A mesma coisa é o mineiro». O grande problema é o custo de vida. «O solteiro aqui tem que ganhar três salários para não passar muito mal. Olha, eu ganho Cr\$ 70,00 por dia e se não cuida gasto mais do que isto. Se a gente vai sair por aí nos fins de semana não sobra nada. E há muito o que fazer porque aqui é o melhor lugar de encontrar amigos».

CONCEPÇÃO SOCIALISTA

Brasília, na verdade, não é uma cidade que serve apenas aos viciados no consumismo torturante», diz o deputado João Cunha. «Foi construída de acordo com uma concepção socialista e com um sentido altamente comunitário, desde a sua estrutura urbana. O que acontece é que tudo foi desvirtuado pelas improvisações dos que a governam há 14 anos, sem compreendê-la e sem amá-la. Onde estão os centros comunitários que dariam vida a Brasília? Eu gosto da cidade mas acho que falta também uma representação política: câmaras municipais nas cidades-satélites e Assembléia no Distrito Federal, sem prejuízo dos deputados federais e dos senadores. Mas enquanto a cidade for governada por estranhos, a preocupação maior serão as obras».

E nestas horas «é importante relembrar o ex-presidente Juscelino Kubitschek», sugere o candango Alfredo de Camargo, agente de segurança legislativo. Entusiasmado com o aniversário da cidade que ajudou a construir, diz que todos deveriam «decorar seus carros com flores, soltar fogos de artifícios, buzinar, enfim, fazer vibrar a cidade para que nela desperte manifestações autênticas e ao mesmo tempo evite que a data passe em branco. E nestas manifestações deveriam estar incluídas também, segundo Camargo, uma exposição de fotografias do Presidente que decidiu trazer para o cerrado a capital do Brasil. «Não vejo nada de mais nisso. Mas não quero indispor-me com alguma autoridade, pois sou Governo», imagine ele, «e não quero atrapalhar o sistema em que vivo».

Contudo, «as manifestações populares espontâneas praticamente inexistem. Isto se deve principalmente ao fato de as empresas não liberarem seus empregados quando há festas», acredita Camargo. Diz ele que «tudo depende dos empresários. É cabe a eles colaborar para que não morram as manifestações populares». Quanto à falta de «calor humano» afirmou ser um problema que está sendo superado e sustenta que «cabe a nós brasilienses zelar pelo bem estar desta capital».